

Município de Loures promove reflexão sobre saúde ocupacional

A Câmara Municipal de Loures organizou, no dia 30 de Maio, o Fórum Saúde e Bem-Estar no Trabalho. O evento, que decorreu no Palácio dos Marqueses da Praia e Monforte, em Loures, resultou num espaço de reflexão e discussão sobre a segurança e saúde no trabalho, com vista a identificar estruturas de intervenção adequadas ao cumprimento dos objetivos consagrados na Lei e nos códigos de boas-práticas, bem como a melhorar as relações sociais da saúde e do bem-estar no trabalho.

Este encontro teve ainda como objetivos promover uma reflexão sobre novas práticas de gestão em saúde ocupacional e potenciar espaços de diálogo com vários intervenientes nestas matérias, incluindo dirigentes, trabalhadores e outros especialistas que permitam a confluência de visões e estratégias, para uma melhor saúde e bem-estar em contexto laboral.

O Fórum foi destinado a técnicos internos e externos com interesse na área, a dirigentes e chefias da Câmara Municipal de Loures, Serviços Intermunicipalizados de Águas e Resíduos de Loures e Odivelas (SIMAR), empresas municipais (GesLoures e Loures Parque) e das juntas de freguesia; comissões sindicais e estruturas representativas dos trabalhadores.

Dependências esteve presente e recolheu depoimentos de Bernardino Soares, Presidente da Câmara Municipal de Loures e Carlos Silva Santos, Coordenador do Plano Nacional de Saúde Ocupacional, da Direcção-Geral da Saúde.



**BERNARDINO SOARES,
PRESIDENTE DA CM
LOURES**

**“Procuramos
responder aos
problemas
de saúde dos
trabalhadores”**

Falou em pioneirismo por parte do município de Loures no que concerne à preocupação com a saúde e o bem-estar dos trabalhadores... Pode apresentar alguns resultados sobre a temática?

Bernardino Soares (BS) – O que temos feito é ir desbravando áreas muito importantes, neste trabalho, desde logo porque fomos o primeiro município a ter um posto de saúde para os trabalhadores, depois porque temos um conjunto de especialidades que vão muito além da medicina do trabalho e daquilo a que estamos legalmente obrigados. Procuramos abranger um universo grande de trabalhadores, nomeada-

mente os afectos às juntas de freguesia ou os que detinham contractos de emprego e inserção do Centro de Emprego, que tinham acesso por igual aos cuidados de saúde. E vamos diversificando as nossas abordagens e a aproximação a estes temas, como sucede relativamente à área dos consumos excessivos, onde temos hoje um regulamento, amplamente discutido com os representantes dos trabalhadores, que nos permite fazer um rastreio aleatório mas eficaz e detectar situações que precisam de ajuda. Julgo que estamos a trabalhar no sentido de melhorar as condições do trabalho e em que os trabalhadores exercem as suas funções. Penso que isso não se desliga também das responsabilidades do SNS, as dificuldades que temos são um reflexo das dificuldades do SNS, sendo a saúde mental um desses aspectos mais significativos e, nesse sentido, creio que este debate permitirá apontar novos caminhos ou o aprofundamento dos caminhos que já temos, no sentido de garantirmos melhores condições de trabalho, melhor saúde e mais bem-estar para os trabalhadores do município.

Recentemente, ouvimos reclamações por parte dos trabalhadores da administração local face à existência de inúmeros casos reveladores de problemáticas de saúde mental, com acusações de que os autarcas não se comportavam como tal mas antes como gestores de empresas, indiferentes aos problemas dos seus profissionais, chegando mesmo a afastá-los dos seus postos de trabalho... Que comentário lhe merece esta situação?

BS – Isso não se passa neste município. Naturalmente, existem mais trabalhadores do que desejaríamos com problemas de saúde mental e com dificuldades relacionais e conflitos nos seus locais de trabalho. É uma matéria que temos vindo a acompanhar e, num universo tão grande, é inevitável que aconteçam alguns casos mas que têm merecido uma grande atenção por parte do nosso serviço de saúde e com uma enorme disponibilidade da administração para sempre ouvir os trabalhadores. Eu próprio os tenho recebido, e mesmo em situações em que se verifica que os trabalhadores estão numa situação de algum desequilíbrio emocional ou psíquico, temos acompanhado as situações, falado com as famílias e procurando criar um ambiente mais adequado à sua saúde e bom desempenho.

Referiu ainda a escassez de recursos para responder a tantas necessidades... Estaremos condenados a este carma?

BS – Na verdade, existem sempre menos recursos do que necessidades. Assim sucede em qualquer actividade... Nós temos reforçado muito esta área, não só com manutenção e contratação de pessoal clínico e de enfermagem adequado, quadro que poderemos alargar um pouco mais nos próximos tempos mas também com a criação de melhores condições de trabalho, sobretudo nas funções com maior peso de actividade física, em que temos feito investimentos que permitem amenizar esse peso. Penso que esta realidade me-



lhrou a vida de muitos trabalhadores do nosso município e, entretanto, há muito caminho ainda por fazer.

Estamos no final de um ciclo legislativo... Quais foram as grandes dificuldades que encontrou ao longo dos últimos quatro anos de exercício?

BS – Em primeiro lugar, grandes dificuldades financeiras no início do mandato, que já conseguimos ultrapassar. Depois, deficiências estruturais na organização da câmara e dos serviços, que retiraram produtividade, duplicam esforços e diminuem a coordenação entre os vários serviços. Já fizemos algumas alterações no sentido de corrigir esses problemas que se foram acumulando ao longo dos anos e há muito ainda por fazer. Digamos que é um trabalho inacabado mas com bases para continuar a ser feito no futuro próximo.

Relativamente à rede social, que existe e está já enraizada, temos ouvido os autarcas a reclamarem um envelope financeiro adequado, que permita criar respostas eficazes...

BS – A rede social é importante porque permite coordenar os esforços de uma série de instituições e fazer ligações entre elas, a câmara e outras entidades públicas, que muitas vezes ajudam a resolver problemas que, de outra maneira, seriam mais difíceis de resolver. Agora, o que temos é uma crescente ausência das entidades da administração central deste trabalho. Ainda recentemente, houve uma ameaça de retirada dos já muito poucos recursos, por exemplo, da Segurança Social nas Comissões de Protecção de Crianças e Jovens... Tem de haver, por parte da administração central, na área da saúde e na área social, um investimento maior em recursos humanos e em capacidade de apoio porque há um conjunto significativo de matérias cuja resposta não cabe nem pode caber às autarquias e, se não houver resposta por parte da administração central e dos seus organismos, designadamente a Segurança Social, muitas questões ficarão por resolver.



**CARLOS SILVA SANTOS,
COORDENADOR DO
PLANO NACIONAL DE
SAÚDE OCUPACIONAL,
DA DIRECÇÃO-GERAL
DA SAÚDE**

“A doença e a dependência são factores de exclusão”

Como classifica o estado da arte da saúde ocupacional no país?

Carlos Silva Santos (CS) – Penso que está de acordo com a arte do país... A saúde ocupacional não é nada de fora, pertence ao

próprio desenvolvimento histórico dos trabalhadores, do seu trabalho e da saúde em geral. A saúde dos trabalhadores vai a par da sua saúde. E a sua saúde vai a par do seu valor... Os trabalhadores, quando valem menos, a sua saúde não vale nada; quando valem melhor, há desenvolvimento, há pleno emprego, a saúde pula e avança. Portanto, a saúde ocupacional está neste momento numa posição intermédia, é um custo, funciona em muitas empresas, é uma preocupação muito generalizada nas entidades patronais e sindicatos mas, na verdade, na situação de saída de crise que atravessamos, ainda é um custo, um agravamento e, como tal, é um investimento menor. A doença, o mal-estar, a dependência ou a deficiência são factores de exclusão. Só quando houver mudanças socioeconómicas nesse sentido, virá o tempo da inclusão.

Apesar de existirem, como admitiu, muitas leis e regulamentos, os mesmos não parecem ser pensados para as pessoas...

CS – A ideia de ter um regulamento com verificações, quantificações de álcool por ar expirado, medições e não sei que mais, servem apenas para processos disciplinares... Se for usado por serviços de saúde será para promover um acompanhamento ou um tratamento...

Uma das grandes preocupações dos interventores em meio laboral prende-se com os consumos abusivos, a par dos problemas de saúde mental que afectam milhares de trabalhadores... Será uma preocupação de agora?

CS – É uma preocupação antiga, actualmente um pouco demorada... Hoje, não temos falta de mão-de-obra e, por isso, podemos substituir. Até temos um regime liberal de contratos... A precaridade é isso mesmo. Se o trabalhador está a mais, teve uma queda, uma doença natural ou uma recaída, rua! E o ciclo é vicioso... Então, se estou precário, como me aguento? Depois, constatamos o consumo de antidepressivos e mesmo os produtos ilegais, é sempre a aviar... Pensemos nesta realidade: como há festa sem álcool? Vejam a noite de Lisboa, o negócio do turismo... cerveja a 50 centimos... A própria imposição societária, de uma sociedade desigual, desirmanada, criadora da injustiça da exploração... Isto também faz parte do capitalismo. Muita gente tem avisado e eu concordo que o capitalismo está a criar uma sociedade de doentes. A nossa esperança de vida saudável aos 65 anos é das mais baixas...

Serão as pessoas ou o sistema que está deprimido?

CS – Penso que as pessoas estão deprimidas mas isso é resultante do sistema também... Independentemente de a doença mental ter o seu circuito próprio, autónomo, ligado com a vida e com o trabalho, na verdade, o sistema tem colaborado muito para o negativismo. E o próprio sistema também está abaixo da necessidade terapêutica, ou seja, se o sistema produziu, depois devia tratar. O nosso sistema de tratamento em saúde mental continua a evidenciar uma arquitectura muito fraca. Somos dos países com menos estruturas de tratamento, menor acessibilidade, com menos psiquiatras... E a maioria dos clínicos gerais não está à vontade para tratar...